

De RENATA PALLOTTINI

1º SONETO DE VILA REAL

A dor alheia, Antonio, é branca e triste.
Penso-te este soneto às nove em ponto.
À beira do Guadiana há um anjo tonto,
partiram-lhe uma asa: e nada existe.
Já a sentiste, Antonio? Dói-nos forte.
Ando a pensar que toda a diferença
entre os anjos e os homens é a doença
e o voar-se depois ou antes da morte.
Importa pouco o amor, quando se sente
este punhal finíssimo. O que importa
é a paz da trégua, Antonio. A paz não mente,
é apenas o que há. Dor viva e morta.

É noite. Eis que ela volta e se debruça.
Ouves, Antonio? É o anjo que soluça.

CANTADEIRA

Fazes pensar num quarto -- água-furtada --
num leito modestíssimo e insalubre
onde deitassem tua submissão.

Ali, tendo a cabeça subjugada,
havia de cantar um fado triste
pra aquela original celebração

a alguém que por mulher te tomaria
e não, como o desejas, por canção.

*

(De *Nós*, Portugal. Tavira, 1958)

MENSAGEM NUMA GARRAFA

“Se louco, me encarcerem
na Torre de Belém.
De lá posso ver o céu
na boca do rio e além.
De lá posso até partir
mesmo sem a deixar.
Posso aportar em praças
(jeito meu de aportar).
Se apaixonado me deixem
caminhar pelos becos.
Quero cantar a dor
de ter os olhos secos.
Quero cantar a flor
que ontem vi ao luar.

Se morto, não me enterrem.
Antes, joguem-me ao mar.”

*

LAVADEIRA

Hoje
eu trocaria bem a minha vida pela tua
lavadeira,
nesse pátio molhado
cheio de roupas úmidas
e de folhas verdes.

Eu trocaria pela minha a tua vida lavada
a tua vida limpa,
cheia de dores simples e de cansaço
toda estendida pelo tempo afora;
e mergulhada como os teus braços os meus cabelos na espuma
lavadeira
lentamente
e me iria desfazendo
tornando em nada
lavadeira
em nada.

Hoje
eu trocaria bem a minha vida
pela tua vida de água.

(De *Os Arcos da Memória*, Ed. do Escritor, 1971.)

VINHO DO PORTO

Que fiz eu dos meus dias na cidade do Porto?
Verdade que chovia
mas era chuva viva
nada havia de morto.

Que fiz dos meus amigos na cidade do Porto?

Havia um mar, havia,
e sem nada de morno.

Por que não recebi por desafio
o frio salpicar
do mar bravio?
Por que não dei por praias e por pedras
e, ao pé do seu porto,
não disse três verdades
a essa estranha cidade
de praças e de ruas e de igrejas vazias
tão para lá, tão para lá do rio?

Tão para lá do rio Douro

(que os espanhóis chamam Duero
o que não é, ainda que eu queira,
a mesma coisa...)

Dei por mim num café
ponto de encontro
coisa internacional
entre um cansaço e outro.

E ainda não me perdôo
por não ter insultado, o punho para o alto,
o fazedor de chuva, o fazedor de tédio
o fazedor de todo aquele mar.

E estar fechada dentro de uma jaula
aquecida a bom ponto
tomando um vinho de qualquer lugar
(que por acaso era um vinho do porto).

*

POEMA DO FALSO MARIO DE SÁ-CARNEIRO

Quanto aos meus sonhos d'arte
deixei-os em Paris, no Café Bonaparte.
Que fiz de mim, que fiz?

Só alguns desencantos em Paris
e uns temporais no Porto.
Peguei o barco em dia mau, deixei-o
com notícia de morte (e de que morto!).
Tenho um copo vazio, a vida em meio
e este vinho não tem mais nenhum gosto.

Meus sonhos d'arte
deixei-os em Paris, no Café Bonaparte.
Quanto ao resto, ficou noutro café.
Quem saberá o que é e o que não é?

*

FADO

Sou Constança, a cantadeira,
pra que conste
e sou fiel fiandeira
de amores, meros encontros
sob as pontes;
embora nada persista
desta atividade triste
Constança -- que hei de fazer?
meu destino me constrange
como ovelha
que se tange.
Pouco mais velha que jovem
muito mansa meretriz
cantadeira por constância
e nem um pouco infeliz.

Feliz.

E trago os suores
de uma geração de moços
nos folhos da minha saia.
Dizei-me agora se posso?
Se molham meus pobres olhos
amores de copo- d' água
paixões de beira de poço...

Sou Constança, flor da poça,
madura terra de fosso ...

*

(De *Noite Afora*. Brasiliense, 1978.)

OS LOUCOS DE ANTES

Reler seus versos é cortar farrapos
é repetir as pedras, ver os muros
é ser cinzento e cruel mordendo os punhos.

As palavras soaram sempre inúteis
para esses loucos de antes. Murmuravam
montanhas e neblinas, tudo o mesmo.

Talvez algum momento fosse suave
algum ponto do corpo não doesse,
algum dia deixasse uma saudade.

Mas defender o filho era impossível.
Andar, talvez, até romper-se o nervo
até que a pele se fizesse nuvem.

Navegaram perdidos pela areia
desde a cilada a que chamaram vida.
Infantes, enganados à partida.

Capazes de um amor? O solitário,
tão vazia no crânio essa desgraça:
a camisa de força, feita em África.

(inédito)